



ASSEMBLEIA SOBRE O POS-NOVICIADO

Assis, 5 a 25 de setembro de 2004

FORMAÇÃO PARA A VIDA  
FRANCISCANO-CAPUCHINA  
NO PÓS-NOVICIADO



## **CARTA DE APRESENTAÇÃO DO MINISTRO GERAL**

Caros irmãos,

a Assembléia sobre o Pós-Noviciado celebrada em Assis, ao lado da Porciúncula, de 5 a 25 de setembro de 2004, reuniu os representantes dos mais diversos níveis de responsabilidade na formação da Ordem: formadores, ministros provinciais e presidentes de conferências, membros do definitivo geral e, pela primeira vez, irmãos que estão no período da formação inicial do pós-noviciado. Cerca de cem confrades rezaram, celebraram e avaliaram juntos.

A assembléia tinha sido pedida pelo Capítulo Geral de 2000 como resposta às exigências manifestadas várias vezes pelos pós-noviços durante o sexênio passado: “o crescimento na maturidade afetiva, na fé adulta e na interiorização dos valores fraternos e contemplativos de nossa vida capuchinha” (Carta Circular 9, 3.3). O aspecto mais importante do documento dos participantes da assembléia, que lhes apresento com esta carta, talvez esteja no fato que ele não propõe novas estruturas para alcançar esses objetivos. Reconhece e toma consciência das mudanças já acontecidas na Ordem nesses últimos anos no que se refere à formação no pós-noviciado. Na ordem nasceram e cresceram estruturas pluriformes. A assembléia reflete uma idéia partilhada por todos: as províncias ou regiões que têm problemas estruturais na formação inicial podem agora optar pelos vários modelos que deram certo na Ordem. A assembléia evidenciou fortemente como o grande desafio de hoje esteja no dispor de formadores capazes de acompanhar individualmente os nossos jovens frades durante o período do pós-noviciado. Por essa razão, o documento sublinha com força o fato que os formadores devam ser livres de outras responsabilidades e empenhos que os possam tirar da atenção à pessoa do formando. O documento evidencia, enfim, o papel fundamental de acompanhadores espirituais bem preparados.



A interiorização dos valores fraternos e contemplativos da nossa vida capuchinha exige o empenho da fraternidade local inteira na busca de expressões sempre mais autênticas da nossa vida. O capítulo local constitui o momento privilegiado de formação para toda a fraternidade. A assembléia refletiu muito sobre o impacto que têm no amadurecimento do compromisso e na aquisição dos valores pessoais experiências bem preparadas de partilha com os pobres. O acompanhamento dessas experiências e uma reflexão partilhada sobre as mesmas foram evidenciados como componentes essenciais no processo de uma aquisição e interiorização madura dos valores.

A assembléia espera que este documento ajude a Ordem na sua permanente busca de assistir os jovens frades no amadurecimento da sua paixão pelo seguimento de Cristo nas pegadas de Francisco. A assembléia e especialmente este documento não têm a pretensão de responder a cada um dos problemas inerentes ao pós-noviciado. Serão certamente necessários outros momentos de reflexão sobre essa fase tão importante da formação. Todavia, na assembléia respirou-se uma atmosfera de suave otimismo. Não houve o sentimento de crise ou de desânimo em relação à capacidade dos jovens atuais de assumirem com entusiasmo a vocação ao discipulado. Apresentando o documento que a assembléia elaborou, quero endereçá-lo de modo especial aos mais de 1.600 irmãos que estão na formação do pós-noviciado e às centenas de formadores que os acompanham na sua caminhada de fé. Os seus representantes na assembléia trouxeram a todos os participantes entusiasmo e esperança no futuro.

Fraternalmente,

Frei John Corriveau,  
*Ministro Geral – OFM Cap.*



## 1. INTRODUÇÃO

De 5 a 25 de setembro de 2004, uma centena de irmãos capuchinhos, representantes de todas as conferências da Ordem, reuniram-se na casa “Domus Pacis”, em Assis, para celebrar a Assembléia Internacional sobre o Pós-Noviciado. Estiveram presentes o Ministro Geral e alguns definidores gerais, diversos ministros provinciais e vice-provinciais, muitos formadores e, pela primeira vez, um significativo número de representantes dos pós-noviços.<sup>1</sup> A presença dos jovens professos revelou-se um verdadeiro dom de Deus à Ordem e um sinal de esperança para o futuro.

Respirou-se um clima de verdadeira fraternidade internacional, onde a diversidade de culturas, de raças, tradições e línguas, serviu para criar um rico ambiente no qual fizemos a experiência da passagem da “confusão” de Babel à comunhão do Pentecostes.

Num mundo em mudança, os jovens são os portadores daquela novidade que conduz a Ordem rumo a uma renovação contínua, colocando sempre novos desafios a um estilo diferente de formação. Foi este o objetivo da Assembléia. Os participantes reuniram-se de todas as partes do mundo para colocarem-se à escuta do Espírito e dos irmãos a fim de discernir as linhas mestras que devem ajudar a Ordem na formação daqueles que, com seriedade e radicalidade, pensam abraçar a vida franciscano-capuchinha.

Falando da formação, as Constituições a apresentam de forma sintética como “a promoção dos frades e das fraternidades para que nossa vida seja cada dia mais conforme com o Santo Evangelho e com o espírito franciscano, de acordo com as exigências dos lugares e dos tempos” (Const. 22,1).

O objetivo da Assembléia foi refletir especificamente sobre o período de formação inicial do pós-noviciado.



## **2. DESCRIÇÃO DO PÓS-NOVICIADO**

### **2.1. Finalidades e objetivos**

A finalidade do pós-noviciado é acompanhar o irmão em formação a assumir progressivamente, em todas as dimensões da sua personalidade, a forma de vida franciscano-capuchinha. É o tempo durante o qual o pós-noviço aprofunda o seu próprio caminho vocacional até à opção definitiva (cf. Const. 30,1).

O pós-noviciado é, portanto, o período em que o jovem professo, de modo fiel e criativo, integra o carisma capuchinho e a própria individualidade, gradual mas progressivamente, na fraternidade local e provincial (cf. IV CPO 67).

É o tempo de uma crise natural de discernimento vocacional que, como tal, deve ser vista como um recurso e não como um problema.

O objetivo consiste em alcançar a maturidade da identidade através da experiência do encontro com Cristo, com os irmãos da fraternidade, com os pobres e com a cultura do povo, que conduza a uma compreensão e compaixão do mundo e a uma compreensão da fé.

### **2.2. Variedade de modelos**

Constatamos na Ordem uma grande variedade de modelos de formação que poderíamos resumir em três tipos:

- a) o modelo “seminarístico”, que segue todo o itinerário formativo clerical;
- b) o modelo acadêmico-experiencial, baseado no critério do quotidiano, que inclui tanto a experiência de campo como a reflexão sistemática e



- c) o modelo prevalentemente experiencial, no qual prevalece a experiência de campo sem estudos acadêmicos, podendo mesmo ser passado fora da casa de formação.

Hoje, damos-nos conta da exigência de recentrar o percurso de formação do pós-noviciado sobre a identidade carismática capuchinha.

Parece que o modelo acadêmico-experiencial seja o que melhor responde a uma integração harmônica de todos os aspectos da formação (fé adulta, responsabilidade partilhada, maturidade afetiva, compreensão da fé e do carisma), através de um programa formativo comum a todos os irmãos em formação.

### **2.3. Tempo e lugar**

Considera-se como pós-noviciado o tempo que decorre entre a profissão temporária e a profissão perpétua (cf. Const. 32,2). Cabe a cada circunscrição estabelecer as modalidades e os tempos desta etapa formativa.

Sugerimos, onde for possível, que o lugar do pós-noviciado esteja situado em ambientes populares com casas e fraternidades adaptadas a esse objetivo.

## **3. OS AGENTES DA FORMAÇÃO E A SUA TAREFA**

### **3.1. O Espírito Santo, primeiro agente da formação**

O Espírito Santo é o agente principal da formação. A tarefa principal do mestre e do pós-noviço, consiste em discernir a sua ação numa relação de acompanhamento aberta ao transcendente.



### **3.2. O pós-noviço**

O pós-noviço, como responsável da sua formação, sendo membro efetivo da fraternidade onde vive, integra-se nas suas modalidades próprias e participa da sua edificação como todos os demais irmãos. Superando a atitude de “consumidor da fraternidade”, deverá ser um ativo construtor da mesma.

Tendo em conta as diferenças de idade e de níveis de maturidade, o pós-noviço é gradualmente chamado a assumir responsabilidades e a pensar e a realizar iniciativas no quadro da sua formação pessoal em diálogo com o mestre de formação, com o acompanhador espiritual e com a fraternidade.

### **3.3. A fraternidade formativa (local e da circunscrição)**

A fraternidade formativa é constituída pelo conjunto dos irmãos – professos perpétuos e temporários – uma vez que todos se encontram num processo de formação contínua ainda que em níveis diferentes e com responsabilidades diversas. É indispensável que cada um dos irmãos da circunscrição se sinta comprometido de forma responsável na formação.

É importante que a casa do pós-noviciado seja composta por professos perpétuos que estejam dispostos a participar com interesse e entusiasmo na ação formativa. Esses, vivendo em conformidade com os valores franciscano-capuchinhos, ajudam os pós-noviços a experimentar a verdade daquilo que lhes é proposto.

É desejável que a fraternidade formativa seja composta por irmãos de gerações diferentes, para ajudar os jovens a se confrontarem com a diversidade e a acolherem-se reciprocamente.



A fraternidade formativa, através da celebração freqüente do capítulo local, do trabalho em equipe e outras formas de partilha, favoreça a harmonização e a integração entre o projeto comunitário e o projeto pessoal, dentro do horizonte mais vasto da circunscrição e da Ordem.

Os irmãos devem valorizar momentos de diálogo informal e cultivar atitudes fraternas nas suas relações, baseadas na confiança e no respeito por aquelas diferenças que mais expressam a pluriformidade da circunscrição e a riqueza dos dons que Deus concede à fraternidade. Essas atitudes favorecem o equilíbrio entre individualidade e interdependência.

A fraternidade, através da comunicação e do “contar” as próprias experiências numa perspectiva de fé, torna-se o lugar terapêutico que ajuda a curar as próprias feridas. Neste sentido, o recurso à ajuda de profissionais de confiança, especialistas em ciências humanas, que trabalhem em estreita colaboração com a equipa formativa deve acontecer só em situações especiais.

Na fraternidade formativa tenha-se também em conta a contribuição dos leigos, homens e mulheres, que possam ajudar-nos a avaliar melhor o processo formativo.

### **3.4. A equipe formativa**

É importante que, ao lado do mestre de formação, haja uma equipe formativa composta, eventualmente, também por outras pessoas competentes de fora da Ordem, que colabore com ele na sua tarefa de acompanhamento, de discernimento e de avaliação. A equipe se torna um ponto de referência precioso para os pós-noviços.

Espera-se que onde existam grupos mais numerosos de pós-no-



viços, haja também um número maior de formadores para garantir um acompanhamento personalizado.

É importante que exista uma linha formativa unitária, sobretudo entre os responsáveis diretos da formação, para que o trabalho educativo seja mais eficaz e fecundo.

É necessário que haja um diálogo contínuo e uma constante colaboração entre os formadores, e também entre esses o ministro da circunscrição.

Onde houver poucos pós-noviços será útil a colaboração com outras circunscrições, criando um único pós-noviçado.

### **3.5. *O mestre da formação***

O mestre da formação seja uma pessoa madura, que tenha atingido um bom nível de integração humana, afetiva e espiritual, capaz de escutar, de acolher a pessoa na sua realidade concreta, de valorizar as experiências e a história do irmão em formação e de discernir com ele a vontade de Deus.

O mestre, livre de quaisquer outros compromissos, esteja completamente disponível para a sua tarefa. Ele, como responsável e coordenador principal da formação dos pós-noviços, anima, preside e guia o correto andamento do quotidiano e do itinerário formativo dos jovens.

O mestre deve conduzir com autoridade os pós-noviços a um confronto sério com os valores próprios do nosso carisma e, ao mesmo tempo, facilitar, com a sua competência, o emergir da nova identidade do frade em formação, permitindo o desenvolvimento das suas potencialidades no seio da fraternidade.



Instrumentos adequados para a formação são: o diálogo pessoal sistemático, a observação da vida concreta e a avaliação.

Em caso de necessidade, o mestre pode aconselhar ao formando um acompanhamento psicoterapêutico, deixando ao mesmo a liberdade de usufruir dessa opção quando desejar.

### **3.6. *O acompanhador espiritual***

Para o crescimento da vida interior, da oração pessoal e do amadurecimento de uma opção autêntica, é indispensável a presença do acompanhador espiritual. O pós-noviço é, assim, fortemente encorajado a ter um acompanhador espiritual, que não seja o próprio mestre, escolhido por ele mesmo. Recomenda-se que a equipe formativa indique para este fim pessoas adequadas e que estejam em sintonia com as linhas formativas.

O acompanhador espiritual deve ter uma profunda experiência de Deus e uma boa integração humana e psicoafetiva, bem como uma boa capacidade de escuta, para ajudar o pós-noviço a fazer o seu discernimento.

Não é necessário que o acompanhador espiritual resida na casa de formação.

### **3.7. *A formação no contexto sócio-cultural e eclesial***

O contexto dentro do qual se desenvolve a formação é constituído pela fraternidade local, inserida numa realidade sócio-cultural e eclesial, que se torna ela própria lugar de crescimento e de confronto educativo.

A formação não pode estar separada da realidade, mas deve ter



em conta a situação concreta, cuidando da informação e do conhecimento dos acontecimentos, acompanhados por uma reflexão e uma avaliação à luz do Evangelho.

As estruturas da formação permitam que o pós-noviço se insira plenamente no contexto social para concretizar o quanto mais possível a vida evangélica no mundo de hoje.

## **4. OS VALORES FRANCISCANO-CAPUCHINHOS VIVIDOS EM FRATERNIDADE**

### *4.1. A fraternidade como escola de comunhão e de missão*

A fraternidade evangélica é o ambiente, o lugar teológico-sacramental no qual os valores do nosso carisma encontram o seu contexto vital específico e natural.

A reflexão destes últimos decênios sobre uma teologia de comunhão permitiu descobrir a surpreendente atualidade do carisma de Francisco de Assis e a contribuição específica que somos chamados a dar, hoje, como fraternidade que seja uma “casa e escola de comunhão” (cf. Novo Millennio Ineunte, 43).

É importante cultivar a convicção pessoal e comunitária de que somos uma fraternidade de discípulos de Jesus, o único mestre.

O acolhermo-nos como irmãos “dados uns aos outros” é o primeiro testemunho da nossa vida capuchinha, testemunho que se inspira na vida trinitária. O viver numa fraternidade evangélica, cujos membros são chamados a “entregar-se”, significa testemunhar a nossa verdadeira identidade e a forma missionária da nossa forma de vida, que se torna o critério prioritário para o discernimento vocacional do pós-noviço.



O nosso modo de andar pelo mundo está profundamente marcado pela vida de comunhão que nos reúne e nos vivifica.

#### **4.2. A vida de fé adulta e a consagração**

A formação ajuda os formandos a crescerem na fé adulta, capaz de dar as razões daquilo que acreditam, em vista do seguimento de Cristo e a assumirem conscientemente os valores da vida consagrada.

O pós-noviço é ajudado a integrar harmonicamente a vida e a fé, teoria e prática, a vida pessoal e comunitária, como história de salvação, através da escuta assídua e da meditação orante da Palavra de Deus.

A vida sacramental, em particular a Eucaristia e o sacramento da reconciliação vividos com regularidade, é a dimensão fundamental para crescer na vida de fé, no sentido da consagração e na vivência dos votos como conformação a Cristo.

A carência de fé madura e adulta é um dos motivos principais que explicam os abandonos da Ordem. Tenha-se em conta essa realidade e trabalhe-se no sentido de assumir um maior empenho na formação da vida de fé também na fase do pós-noviciado.

#### **4.3. A vida de oração**

A escuta da Palavra de Deus, a celebração eucarística, a oração litúrgica e a oração pessoal dão ao pós-noviço a capacidade de viver a vida quotidiana com uma referência contínua a Deus, de tal forma que toda a vida se transforma num lugar e num conteúdo de oração, de modo a estabelecer uma circularidade entre a vida e a liturgia. Também a liturgia se transforma em fonte vital da formação.



A oração é decisiva para a verdade da vida, a fecundidade e a ação concreta dos irmãos. Além dos tempos fortes do ano litúrgico, também as memórias dos nossos santos constituem um elemento formativo importante.

Durante o pós-noviciado é sempre necessário conservar e aprofundar o espírito contemplativo vivido no noviciado. É importante favorecer um ambiente de silêncio e momentos fortes como o retiro mensal ou dias de deserto e de ermo.

A oração afetiva, tipicamente franciscano-capuchinha, deve ser favorecida e praticada com regularidade como estilo de vida.

Tendo presente a realidade dos jovens de hoje, as nossas liturgias e a própria Eucaristia devem abrir-se a uma maior criatividade e participação, mediante uma preparação adequada, garantindo a perseverança e a regularidade.

Conscientes de que vivemos numa cultura da imagem que torna difícil a experiência da interioridade, devemos cultivar a discrição no uso dos meios de comunicação social para salvaguardar o espírito contemplativo.

#### **4.4. A minoridade e a itinerância**

A educação para a minoridade, para a justiça, a paz e a integridade da criação constitui um aspecto qualificante da formação inicial, principalmente no período do pós-noviciado. Tais valores são vividos, antes de tudo, na vida de todos os dias: nos trabalhos manuais, no serviço doméstico, no estudo, apreciando as coisas simples da vida fraterna e pastoral de todos os dias, na partilha de toda a fraternidade formativa.

O VII CPO 29, nos indica, além disso, experiências concretas de



serviço, de presença no meio dos pobres, de períodos passados em contextos diferentes do próprio, que ajudem o irmão em formação inicial a desenvolver o valor da fraternidade minorítica e itinerante.

Um aspecto que apareceu diversas vezes nesta Assembléia foi o da urgência de testemunhar e promover a minoridade franciscana numa dimensão mais ampla de solidariedade e “compaixão internacional”.<sup>2</sup> Trata-se de indicações que devemos ter presente adequando-as às situações concretas na formulação dos programas de pós-noviciado.

Enquanto se prepara para acolher a diversidade dos membros da fraternidade, o pós-noviço é convidado a ir além das fronteiras nacionais da língua, da classe, da cultura, da ideologia, do sexo, da tribo e da casta. Prudentemente, mas com insistência, o jovem deve ser conduzido a uma renovação da sua visão e das suas formas de pensar e sentir para abrir-se à compreensão das pessoas marginalizadas e necessitadas de uma solidariedade efetiva que seja, ao mesmo tempo, local e global.

A ajuda entre irmãos de várias áreas da Ordem é, também ela, uma expressão de minoridade.

#### **4.5. *A nossa vida em obediência, sem nada de próprio e em castidade***

Os votos constituem a expressão privilegiada da nossa consagração a Deus e da nossa pertença à fraternidade. Impressionado pelo amor divino o pós-noviço reconhece toda a riqueza e fecundidade dos votos e toma consciência do caminho ascético que eles requerem como determinante para uma vida de religioso.

Diante de algumas situações de contra testemunho, há que se orientar os formandos a perceberem com maturidade crítica as fragi-



lidades dos irmãos, convidando-os a ver e a valorizar principalmente os testemunhos positivos de vida consagrada.

## **5. O PERCURSO FORMATIVO**

### **5.1. *O acompanhamento pessoal***

Diante da diversidade de experiências de vida das quais, hoje, nos vêm os formandos, a formação favoreça, na medida do possível, um itinerário personalizado, orientado a estabelecer uma relação de empatia num diálogo permanente atento à experiência de fé e à história pessoal do pós-noviço.

Além das estruturas, o acompanhamento requer uma relação interpessoal animada pelo afeto, pela estima e pelo interesse pela situação pessoal do irmão. Ao mestre pede-se que: ame, reze pelos pós-noviços, ofereça a sua disponibilidade para encontros periódicos, ofereça a correção fraterna com espírito de amor, facilite o “contar” a história da vida. Ao formando, pedem-se disposições interiores de escuta, de docilidade, de entrega e de confiança.

A correção fraterna por parte do formador e também dos pós-noviços entre si, é um instrumento válido para o crescimento pessoal e fraterno. Aprende-se a se colocar em discussão e a oferecer uma oportunidade de crescimento ao irmão.

No encontro e no diálogo pessoal o pós-noviço deve ser ajudado a conhecer, a purificar e a centrar as motivações da sua opção de vida consagrada. O diálogo formativo verifica o grau de interiorização dos valores. A fim de que o diálogo tenha a devida continuidade na passagem de uma casa de formação para outra, o mestre, respeitando o segredo profissional, deve enviar ao novo responsável uma ficha de avaliação sobre o candidato.



Durante o percurso da formação inicial é oportuno estabelecer vínculos de comunhão também com os familiares dos formandos.

## **5.2. O caminho do amadurecimento afetivo-sexual e relacional**

Dando continuidade à formação do postulado e do noviciado, é importante prosseguir no amadurecimento humano, especialmente em relação às relações afetivo-sexuais, ao trabalho, à responsabilidade e à transparência a respeito da verdade da própria história de vida.

É importante, por um lado, ajudar a viver de uma forma equilibrada e não dependente a relação com o mundo feminino e, por outro, ser ajudado em fraternidade a viver relações autênticas, exteriorizando os próprios sentimentos e afetos e vivendo todas essas dinâmicas sem ambigüidade. Uma fraternidade que vivencia boas relações ajuda a crescer neste sentido e a não procurar compensações noutros lugares ou em dependências afetivas pouco transparentes. Daí que a capacidade de viver em fraternidade, onde se podem observar todos os aspectos das relações do formando, se torna expressão fundamental de discernimento para a nossa vida.

O pós-noviço deve ser ajudado a sair de eventuais fechamentos causados por uma incapacidade de se exprimir e a administrar de modo construtivo os sentimentos de agressividade. Nas situações mais difíceis pode ser oportuna a ajuda de um especialista.

É necessário também ajudar o pós-noviço a enfrentar com coragem a própria dimensão psicosssexual como parte do caminho de consagração, através de um diálogo transparente, tendo atenção e respeito pela própria sexualidade. O jovem frade não pode amar nem se fazer amar se não chegar a uma sã compreensão e aceitação da própria identidade. Para que um frade amadureça na sua vocação de



vida celibatária, deve chegar a compreender e a aceitar que a sua pessoa é uma “terra santa” (cf. Ex 3,5). Por isso, aqueles que acompanham o frade no delicado caminho da autocompreensão, estejam munidos de um profundo senso de reverência pela sexualidade humana nas suas multiformes expressões, do contrário, não podem servir como guias espirituais.

Se Deus é amor (cf. 1Jo 4,7-8), é precisamente na nossa possibilidade de amar e doar-se no amor que mais refletimos a imagem de Deus (cf. Gn 1,27). Como não existe um modo genérico de amar, também não existe uma “identidade sexual genérica”. A identidade sexual de uma pessoa é um dos aspectos que mais lhe distinguem a individualidade. O conhecimento das ciências humanas é essencial para a orientação espiritual. Todavia, ela deve evitar toda tentação de categorizar o frade segundo tipologias sexuais pré-concebidas. É melhor, nesse caso, procurar entender e tratar com reverência a unicidade do irmão. E ainda, se toda pessoa é “terra santa” (cf. Ex 3,5), todos são feridos na sua capacidade de amar e serem amados. O caminho da auto-aceitação inclui o fato de procurar mudar o que é possível mudar, de aceitar o que não pode ser mudado e de saber distinguir entre ambos.

Nem toda a experiência de conversão é vocação para a vida de celibato. Como consequência, o guia espiritual, como Jesus, deve ter a sabedoria de dizer a alguns jovens irmãos: “Volte para a sua casa e conte tudo o que Deus fez por você” (Lc 8,39).

Tendo em conta a seriedade da questão, os programas formativos prevejam estudos apropriados sobre a dimensão afetivo-sexual. Falta graves nessa dimensão afetivo-sexual, devem ser tratadas com firmeza.



### **5.3. A educação para a liberdade, a responsabilidade e a interdependência**

A liberdade é a capacidade de escolher o bem e de aderir à vontade de Deus, de escolher o que se deve fazer e não só aquilo que agrada. A liberdade amadurece num clima de confiança e confiança mútuas, mediante um discernimento contínuo da vontade de Deus.

A liberdade do irmão em formação é um recurso educativo que permite verificar, dentro das circunstâncias concretas, a própria vocação e o próprio compromisso de coração e de inteligência e a adesão ao ideal de vida que o carisma franciscano nos confia.

Os pós-noviços devem ser ajudados a assumir a responsabilidade pela sua própria formação e pela gestão dos bens da fraternidade.

Para aprender concretamente os valores da liberdade, da responsabilidade e da interdependência em fraternidade, é necessário estar atentos sobretudo aos seguintes aspectos:

- à capacidade de dizer a verdade sobre si próprio no diálogo com o mestre, para melhor entender, desenvolver e valorizar os valores capuchinhos;
- à transparência da gestão econômica e da interdependência afetiva e
- à abertura ao mundo (informação, acolhimento, reflexão e debate, criatividade, etc.).

O pós-noviço torna-se capaz de se relacionar e de entrar em diálogo com cada um dos irmãos e com cada pessoa que encontrar, mesmo se forem diferentes. Através de caminhos que de vez em quando superam as fases da dependência, da oposição e da autonomia, ele chega à capacidade de interdependência como maturidade relacional.



O irmão em formação desenvolve também uma consciência crítica em relação aos meios de comunicação social (Internet, televisão, etc.), utilizando-os com responsabilidade.

#### **5.4. A orientação para o discernimento da "vocação" específica: leiga ou presbiteral**

O pós-noviçado é o período que reúne todos os frades em formação enquanto dá prioridade à formação para o nosso carisma. A personalização dos conteúdos e dos percursos deve harmonizar a coexistência da opção para a vida laical e presbiteral dos pós-noviços.

Este tempo de formação deve conduzir o formando a um discernimento quer quanto à opção de consagração, quer quanto à vocação eclesial específica dentro da Ordem. O discernimento deve ser entendido como um processo contínuo que purifica as motivações da própria opção.

Em vista de um discernimento ponderado é importante levar adiante com seriedade os programas propostos, tanto por parte dos formadores como dos formandos, para não correr o risco de banalizar a vida e perder as motivações.

É tarefa particular do formador ajudar o formando a discernir a própria vocação específica. Sendo que o chamado à vida fraterna evangélica é a vocação de todos os irmãos, o que se deve verificar são os critérios para o discernimento da vocação presbiteral. A este propósito não pode ser critério suficiente para a opção presbiteral a capacidade de superar os estudos académicos, mas é necessário verificar também as qualidades específicas do serviço presbiteral dentro do espírito capuchinho. A esse respeito, são de muita ajuda as orientações da Igreja e as *Propositiones* do VII CPO 35-41).



Por outro lado, torna-se necessário também verificar as motivações pelas quais se opta por ser irmão leigo, ou seja, se essa opção corresponde a razões positivas e adequadas. Além disso, é necessário dar aos irmãos leigos a possibilidade de se prepararem profissionalmente de acordo com os seus dotes pessoais.

### **5.5. Formação para a compreensão da fé e do mundo**

Durante o pós-noviciado é importante que os formandos sejam ajudados a encontrar as razões da própria fé e da própria esperança no contexto globalizado de hoje. Uma formação filosófica e teológica ao menos de base é um instrumento adequado para alcançar esse objetivo.

Deve ser favorecido também o estudo e a análise do contexto social e é fortemente aconselhado o aprendizado de ao menos uma língua estrangeira.

No ambiente multiétnico em que vivemos é importante conhecer, respeitar e valorizar a própria cultura bem como a dos outros. É necessário superar os limites do provincialismo, do regionalismo, do tribalismo e do nacionalismo.

A formação para uma sensibilidade missionária deverá ter em conta e respeitar as diferenças culturais.

### **5.6. Formação para a compreensão do carisma franciscano-capuchinho**

Continuando o que foi realizado durante o noviciado, os pós-novícios devem ser levados ao aprofundamento histórico-teológico-profético da vida franciscano-capuchinha nas suas peculiaridades.



Seja dedicada maior atenção:

- à leitura histórico-sapiencial das fontes franciscanas e capuchinhas;
- aos princípios e à encarnação da espiritualidade franciscana;
- à leitura sapiencial-profética da história da Ordem franciscano-capuchinha;
- ao pensamento filosófico-teológico do franciscanismo;
- à história e à identidade da Segunda Ordem e da OFS e
- à vida e às instituições do franciscanismo de hoje e aos documentos da nossa Ordem.

### **5.7. Experiências de “imersão”/inserção<sup>3</sup>**

Para que o processo formativo preste atenção à realidade que nos circunda, favoreça-se uma visão mais ampla e aberta sobre o mundo. Neste sentido, é importante, na formação inicial, educar para a minoridade numa dimensão ampla como capacidade de atenção e tomada de consciência da situação internacional.

Segundo os lugares e os contextos, seja favorecida uma inserção no meio dos pobres como opção normal de vida. Todavia, onde não for possível, pode-se também pensar em períodos mais intensos de “imersão” em realidades que coloquem o pós-noviço em contato direto com “os leprosos do nosso tempo” (a realidade da dor, dos marginalizados, dos doentes mentais, dos soropositivos, dos toxicod dependentes, etc.). É importante e decisivo que a nossa inserção na realidade seja feita de forma a manifestar claramente a nossa identidade de frades menores capuchinhos.



Esse é o tempo de suscitar nos jovens sentimentos de justiça e paz, prestando atenção ao “grito dos pobres”.

Pode-se também pensar, como já acontece em algumas circunstâncias, em períodos de experiências de trabalho em ambientes simples e humildes e em experiências missionárias e de voluntariado entre os pobres. Devem ser valorizados também tempos de estudo noutras culturas e tradições lingüísticas.

É bom que se avalie com o mestre da formação o tipo de experiência que cada um desenvolve, para que seja adequada às possibilidades e aos dons do pós-noviço.

Para a realização e a avaliação de experiências prolongadas de aproximação com os “leprosos de hoje”, é útil confiar-se a pessoas competentes que conheçam a realidade e saibam acompanhar o processo formativo.

### **5.8. O acompanhamento espiritual e a reflexão teológica (partilha orante da vida)<sup>4</sup>**

O acompanhamento espiritual é um elemento fundamental não só para a formação inicial, mas para toda a vida com modalidades e intensidade diversas; por isso, deve ser assumido com convicção pessoal e levado a cabo periodicamente.

A reflexão teológica (partilha orante da vida), junto com outros modelos de partilha e reflexão, se usados freqüentemente pela fraternidade formativa, revela-se um caminho útil para integrar os valores da vida de fé, de apostolado e de fraternidade e para definir a nossa identidade.



## **5.9. Avaliação com o mestre e com a fraternidade:**

### *a) da vida fraterna e de fé*

A fraternidade vivencie periodicamente momentos de confronto e de revisão para avaliar e reorientar o projeto de vida fraterna. O diálogo permanente e sistemático pressupõe da parte de cada um dos formandos um projeto pessoal de vida. A fraternidade formativa deve acolher o desafio de uma constante auto-avaliação.

Nesse sentido, também o sacramento da reconciliação, enquanto celebra a misericórdia de Deus, contribui na conscientização do próprio caminho e dos próprios pontos fracos e fortes.

### *b) das várias experiências de “imersão”*

As experiências devem ser acompanhadas pelos formadores e avaliadas em conjunto. O capítulo local, além do diálogo pessoal com o mestre, é o local adequado para partilhar e verificar as diferentes experiências. O capítulo local, de fato, é o lugar onde as diferentes formas de compreender, viver e encarnar o carisma se encontram e se tornam caminho fraterno, através de um diálogo aberto e respeitoso.

A avaliação do ministério fraterno, apostólico e social deve envolver todos os membros da fraternidade de uma forma ordinária e sistemática – se a fraternidade é numerosa, deve ser feita ao menos com a equipa de formação – para descobrir, erradicar e superar as tendências de auto-suficiência e pragmatismo utilitarista a fim de favorecer o crescimento na verdade e na comunhão.

## **5.10. Exercício e prática da auto-avaliação em fraternidade**

A personalização da formação e a implicação do pós-noviço no



próprio processo da sua formação, convidam a pensar numa forma de avaliação que ponha especialmente em jogo a responsabilidade do mesmo.

É desejável que se estabeleça um projeto de formação personalizada que, traçando objetivos pessoais e sugerindo meios adequados, seja objeto de avaliação por parte do próprio formando junto com o mestre.

O diálogo com o acompanhador espiritual e a reflexão teológica em comum podem ajudar no processo de auto-avaliação.

### **5.11. *Preparação imediata para a profissão perpétua***

Sugere-se, para os professos temporários que se preparam para a profissão perpétua, a realização de algumas iniciativas, como um período de exercícios espirituais preferivelmente franciscanos, ou um período conveniente de preparação próxima em acordo com o mestre.

## **6. AS ESTRUTURAS FORMATIVAS**

### **6.1. *A formação permanente dos frades***

É dentro da formação permanente que a formação inicial encontra a sua justa colocação. Com esta convicção, reafirma-se a prioridade da formação da fraternidade local como também provincial.

Todos os irmãos de votos perpétuos devem ter um programa de atualização que garanta um processo de formação permanente. O governo da Ordem providencie a organização de uma “Ratio Formativnis” para a formação inicial.



## **6.2. O acompanhamento depois da profissão perpétua**

Devemos ter consciência de que a formação é um processo contínuo que dura toda a vida. É importante que, sobretudo os neoprofessos, sejam acompanhados ulteriormente favorecendo sua inserção na nova realidade e assim progredirem no seu amadurecimento.

Devem ser encorajadas as iniciativas já existentes na Ordem de acompanhamento dos professos perpétuos, por um certo período (por exemplo, com um plano quinquenal), através de itinerários e programas adequados (cursos, seminários, etc.). Neste âmbito, encorajem-se encontros entre pós-noviços e neoprofessos perpétuos.

## **6.3. A continuidade formativa entre as várias etapas da formação**

As etapas da formação inicial apresentam um caráter de fragmentação (passagens contínuas de uma casa a outra, mudança freqüente de formadores, de programas...) que impedem a continuidade na relação entre formadores e formandos, o conhecimento e a avaliação arriscando, assim, delegar à etapa sucessiva o discernimento do candidato. Essa fragmentação é mais evidente no pós-noviciado onde normalmente emergem problemáticas que tinham ficado escondidas nas etapas anteriores do postulado e do noviciado. Pode-se remediar esse limite valorizando a cooperação entre os formadores das várias fases de formação, elaborando juntos, entre outras coisas, uma programação orgânica de todo o percurso formativo inicial.

## **6.4. A colaboração entre as circunscrições e as conferências**

Queremos reconhecer o fato da colaboração entre as circunscrições e as conferências da Ordem como um valor em si mesmo e não só



uma opção ditada pela necessidade. É importante superar o provincialismo na formação, favorecendo o intercâmbio nas diferentes fases.

### **6.5. A formação dos formadores**

Ressalta-se a necessidade de formar adequadamente os formadores antes que se insiram ativamente na formação. Os formadores têm necessidade de uma formação permanente sólida e seria bom que, possivelmente, assumissem a responsabilidade de formadores de forma gradual.

Encoraja-se fortemente o acompanhamento espiritual dos próprios formadores uma vez que o seu serviço requer uma paixão e um amor especiais.

Sugere-se que as conferências da Ordem tenham um plano sistemático de formação para os formadores e que usufruam também dos programas de formação das conferências dos religiosos dos respectivos países.

As diversas iniciativas promovidas pelo Departamento Geral da Formação (DGF) vêm sendo acolhidas pelas diferentes conferências da Ordem e favorecem a participação dos próprios frades. Aconselha-se que esses cursos de formação sejam feitos, na medida do possível, também no âmbito das diferentes conferências.

### **6.6. O Conselho da Formação Inicial**

Todas as circunscrições devem ter um conselho de formação inicial, constituído pelos representantes das diversas etapas formativas, que se reúne periodicamente para programar e avaliar o processo formativo.



O conselho de formação inicial promove e garante o processo de continuidade entre as diversas casas de formação respeitando as linhas estabelecidas pelas diferentes circunscrições ou conferências.

O ministro provincial e o seu definitório apoiem e promovam o trabalho deste conselho e garantam as opções e iniciativas que se considerem prioritárias.

*Assis, 24 de setembro de 2004.*



## NOTE

- <sup>1</sup> À Assembléia estiveram presentes 75 delegados, o Ministro Geral, John Corriveau, alguns definidores gerais, os membros do DGF, os tradutores, o animador litúrgico e um bom número de frades encarregados da secretaria e do serviço Internet.
- <sup>2</sup> A expressão “compaixão internacional”, emersa na Assembléia, é entendida como capacidade de superar os limites provinciais, ter um coração cheio de amor para com o “mundo” e os seus sofrimentos, servindo em qualquer lugar onde somos chamados a estar.
- <sup>3</sup> Foram conservadas as duas palavras no título, porque “imersão” responde à experiência da área indiana, enquanto “inserção” vem da experiência da América Latina. O significado das duas palavras é explicado no segundo parágrafo deste subtítulo.
- <sup>4</sup> A expressão “reflexão teológica” é de imediata compreensão na América do Norte, enquanto que nos outros continentes não o é. Por isso foi acrescentado o segundo título (partilha orante da vida) como sinônimo de “reflexão teológica”.



## ÍNDICE

<b>Carta de apresentação do Ministro Geral.....</b>	<b>3</b>
<b>1. Introdução.....</b>	<b>5</b>
<b>2. Descrição do Pós-Noviciado.....</b>	<b>6</b>
2.1. Finalidades e objetivos.....	6
2.2. Variedade de modelos.....	6
2.3. Tempo e lugar.....	7
<b>3. Os agentes da formação e a sua tarefa.....</b>	<b>7</b>
3.1. O Espírito Santo, primeiro agente da formação.....	7
3.2. O pós-noviço.....	8
3.3. A fraternidade formativa (local e da circunscrição).....	8
3.4. A equipe formativa.....	9
3.5. O mestre da formação.....	10
3.6. O acompanhador espiritual.....	11
3.7. A formação no contexto sócio-cultural e eclesial.....	11
<b>4. Os valores franciscano-capuchinhos vividos em fraternidade.....</b>	<b>12</b>
4.1. A fraternidade como escola de comunhão e de missão.....	12
4.2. A vida de fé adulta e a consagração.....	13
4.3. A vida de oração.....	13
4.4. A minoridade e a itinerância.....	14
4.5. A nossa vida em obediência, sem nada de próprio e em astidade.....	15



<b>5. O percurso formativo</b> .....	16
5.1. O acompanhamento pessoal.....	16
5.2. O caminho do amadurecimento afetivo-sexual e relacional.....	17
5.3. A educação para a liberdade, a responsabilidade e a interdependência.....	19
5.4. A orientação para o discernimento da “vocação” específica: leiga ou presbiteral.....	20
5.5. Formação para a compreensão da fé e do mundo.....	21
5.6. Formação para a compreensão do carisma franciscano-capuchinho.....	21
5.7. Experiências de “imersão”/inserção.....	22
5.8. O acompanhamento espiritual e a reflexão teológica (partilha orante da vida).....	23
5.9. Avaliação com o mestre e com a fraternidade: .....	24
5.10. Exercício e prática da auto-avaliação em fraternidade.....	24
5.11. Preparação imediata para a profissão perpétua.....	25
<b>6. As estruturas formativas</b> .....	25
6.1. A formação permanente dos frades.....	25
6.2. O acompanhamento depois da profissão perpétua.....	26
6.3. A continuidade formativa entre as várias etapas da formação .....	26
6.4. A colaboração entre as circunscrições e as conferências.....	26
6.5. A formação dos formadores.....	27
6.6. O Conselho da Formação Inicial.....	27